

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA



Publica-se às quintas-feiras
Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREGIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 1\$000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 2\$500 rs
Semestre, 26 numeros..... 500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 1\$000 rs.
Cobrança pelo correio..... 5100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 1\$800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre accetam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular

82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

Lythographia Artistica

Rua do Almada, 32 e 34

CELEBRIDADES NO D. AMELIA



Kubelik — Ih! que gritaria que faz este senhor!
Mounet-Sully — Que tal está o da rabeca?
Polin — O lá lá, que chiada que fazem estes typos.

Uma opinião do "Times," ou a Bancarota do Casamento

O marquez de Priola parece ter razão.

O *Times* acaba de declarar a bancarota do casamento.

E' curioso que seja o *Times* o porta-voz d'esta declaração, mais a propósito na *Revista dos Dois Mundos*, onde já foi declarada a bancarota da sciencia.

Em geral, esta ordem de fallencias nunca é aberta em jornaes, que para tanto não se julgam autorizados. Mas a autoridade do *Times* não tem limites. O *Times* é uma força social: tanto deita abaixo uma companhia de minas, como uma religião, ou um sistema de philosophia.

Não se supponha, porém, que, como o marquez de Priola, o *Times* se proponha destruir o principio da familia. O *Times* é uma força, mas força conservadora. A sua declaração tão sómente significa que o casamento na familia ingleza caminha para a ruina.

Porquê?

Segundo parece, porque as senhoras matrimoniaes da burguezia ingleza cada vez se tornam mais dispendiosas.

Ah! não se imagine que o *Times* agita turbulentos problemas da alma! No seu ponto de vista utilitario e pratico, o *Times* só vê o casamento em perigo, não pelo facto d'elle ser cada vez mais escravizador, mas pelo facto de ser cada vez — mais caro.

O *Times* não se equivoca. Tem diante de si a questão do casamento, como tem tido a do algodão. O algodão baixa. A seu vêr, o casamento também.

Até que ponto tem elle razão, podemos nós verificar-o também, porque se é certo que o algodão, ou antes, o casamento baixa em Inglaterra, é incontrovertentemente certo que em toda a parte baixa.

Ha duas classes que não põem entraves ao casamento: as classes ricas e as classes pobres, precisamente porque sendo o casamento, antes de mais nada, um problema economico, por muito sentimental que o pareça ser, só a mulher rica e a mulher pobre o resolvem: a mulher rica com o dinheiro, a mulher pobre com o trabalho.

Sem dinheiro e sem trabalho as mulheres difficultam por tal forma a resolução do problema do casamento, que os homens começam a renunciar a elle — em Inglaterra e um pouco em toda a parte, não para segui-

rem os conselhos de Priola, que era um cynico literario, mas para se refugiarem n'um prudente celibato.

Por muito que os sentimentos affectuosos o ceguem, o homem viu já que a felicidade conjugal tem uma base economica.

Por outro lado, a mulher moderna das classes medias — assusta.

O *Times* considera-a dispendiosa. O *Times* tem consideravelmente razão.

A mulher das classes medias espera o casamento para ser feliz, e a felicidade, segundo ella, se consiste em ter um marido que recptha a horas, consiste também em ter um marido que lhe faça alegre companhia, que a leve á sociedade, ao passeio, ao theatro, que a installe com commodidade e phantasia, a vista com variedade e gosto, á mantenha com decôro e abundancia.

A mulher d'essas classes, casa para se emancipar — da sovinnice paterna. (Os paes pobres sempre regateiam e resmungam). O que ella procura encontrar no casamento, muito mais do que o amor, é — liberalidade. A ventura conjugal no casamento burguez averigua se pelo que o marido dá — para prato. Estão as coisas por tal maneira organisadas que essa communhão d'almas é, até certo ponto, uma associação de mesa redonda. Depois, averigua-se no guarda-roupa. A primeira coisa que a mulher burgueza recém-casada mostra ás suas amigas, são as suas jóias e os seus vestidos.

No decurso do casamento, a felicidade conjugal vai sendo apreciada e avaliada pelo numero de vezes que se vai ao theatro, pelo numero de vezes que se vá a passeio, pelo numero de viagens que se fazem e de villegiaturas que se gosam.

Os filhos não modificam esta situação dispendiosa, porque a mulher burgueza só é feliz com a maternidade, quando pôde mostrar o filho, não como o mostrava Maria Immaculada, n'um pello, no seu bercinho de palhas e n'um curral de vacas, mas, ao contrario, envolto nas pompas de um culto materno levado até á picuice e ao arrebique.

O filho não embaratece as condições economicas da vida conjugal. — O filho burguez é uma ruina.

Certamente é grato ao homem amante prestar a sua mulher todas as homenagens, desde as que vão do coração até as que vem da modista. O homem é feliz em fazer viver a mulher n'um paraizo de luxo e de ociosidade. Mas, quantos podem realisar este orgulhoso desideratum?

Poucos.

Milhares restam então, que hesitam, reflectem, intimidam-se — renunciam.

Não amam! dir-se-ha.

E' melhor dizer — renunciam a amar.

O amor só é cego na mythologia. Na vida tem os olhos abertos — e como não os ter?

Amar é uma palavra. Casar é um acto social, e o primeiro acto que o homem pratica ao pensar em casar, é — metter a mão na algibeira. Se a encontrar vazia, não casa.

Só se casava sem dinheiro nos romances de Bernardin de Saint-Pierre, que era quem fazia todas as despesas. Na vida, quem faz as despesas é o marido, e é considerando com inquietação essas despesas que elle leva a mão á orelha, n'esse gesto atavico de reconsiderar, que lhe vem desde Adão e das primeiras antenupcias.

Que felicidade vai elle buscar, se é elle proprio que tem de a construir e não possui nenhum dos seus materiaes?

O seu orgulho sente-se de antemão abatido. Nada mais vexa o homem, perante a mulher, do que uma bolsa vazia. Não ousa casar. O casamento apparece-lhe como um compromisso inquietador. Vê já sua mulher reclamando o culto de um lar custoso, de um rito caro, de um cerimonia de levar coiro e cabelo, muita scenographia, muita indumentaria, muita *mise-en scene* e foge atterrado á idéa de que pôde não resistir — e casar.

E não casa.

E' a bancarota do casamento — diz o *Times*.

E' sobretudo a bancarota dos costumes burguezes, que em toda a parte falliram — pela sua falta de moral, pela sua falta de ideal.

Procura-se uma mulher na burguezia e não se encontram senão — artigos de luxo.

Esse artigo — diz o mercantilissimo *Times*, não tem extracção.

E' justo que o não tenha.

O casamento está ao alcance de todos os corações, mas não está ao alcance de todas as bolsas.

JOÃO RIMANSO.



Um enterro e uma resurreição

A semana passada, deu-se em Lisboa este caso: ao enterrar-se um homem, os jornaes desenterraram um facto.

Este facto foi o actor Florindo, a quem ninguem conhecia e que para ser conhecido teve de morrer.

Não fez beneficio.

Que a terra lhe seja tão leve como elle proprio nos foi.

As «Novidades», e o Chiado

As *Novidades* puzeram escriptos e já um jornal do Porto annuncia em telegramma: «Os escriptorios do jornal as *Novidades* mudam-se do Chiado para a rua Nova do Carmo.»

Este facto, na apparencia sem importancia, tem no entanto alguma, senão para a substancia das coisas, para o seu aspecto.

Mudando de casa, as *Novidades* não mudam certamente de itinerario, de pessoal, ou mesmo de formato. Comtudo, qualquer coisa n'esse jornal parece mudar, com o simples facto de mudar de rua.

As ruas tem a sua physionomia, e essa physionomia não vem da sua população que passa, mas do seu scenario. O Chiado tem a sua physionomia, que lhe vem de certos velhos traços: a Havaneza, o Jeronimo Martins, o José Alexandre, o Maggiolo. A casa das *Novidades* completava a physionomia do Chiado.

Por outro lado, as *Novidades* eram, o jornal do Chiado. Lisboa passa pelo Chiado. Das suas janellas via-se passar Lisboa e de tudo ellas davam conta: das carroças que se pegavam, das mulheres bonitas que subiam e desciam, dos que chegavam de fóra, dos que paravam a conversar, dos que se demoravam ás *vitrines*.

O Chiado era seu. As *Novidades* viviam com o Chiado em tocantes relações de visinhança. Quando se abria uma loja nova, diziam: «Aqui ao pé da porta». — Quando se inaugurava um novo mostrador, diziam: «Ali acima». Um mal, ou um bem succedido no Chiado, succedia «em frente das nossas janellas.»

Pelo Carnaval, as *Novidades* alugavam as janellas para os pobres, e então quem ia ao Chiado nos tres dias de Entrudo, ia ver as janellas — das *Novidades*. Pelo anno fóra, as janellas das *Novidades* exprimiam sempre alguma coisa. Houve tempo em que estar um bocado ás janellas das *Novidades* era quasi ter uma opinião. A fachada do predio tinha quasi tanta côr... politica como a fachada do jornal.

Além d'isso, as janellas das *Novidades* eram um barometro e um termometro. Quando fechadas indicavam frio, intemperie, chuva, humidade, defluxo. Pareciam dizer a quem passava: «Agasa-lha-te!» Ah! por março abriam de par em par. Era o annuncio official da primavera, e quem passasse pelo Chiado e olhasse para cima, não precisava olhar para o ceu, dizia consigo: «Fóra com a camisola!»

As *Novidades* marcavam a chuva e o bom tempo, assim na politica, como na natureza.

Vel-as mudar, agora, é como ver mudar um grande numero de noções — d'ellas e nossas,

O que vae ser das *Novidades* sem o Chiado?

O que vae ser do Chiado sem as *Novidades*?

Uma lapide a mais não obstrue consideravelmente a consciencia do municipio e não prejudica a esthetica do Chiado.

Visto termos de renunciar ás *Novidades*, no Chiado, nós propomos que se colloque na fachada do predio que ellas abandonam, uma lapide com os dizeres seguintes:

AQUI

NASCEU E VIVEU O JORNAL
«NOVIDADES»

LITTERARIO, NOTICIOSO, POLITICO
SAUDOSA HOMENAGEM DO CHIADO



A opinião do «Punch»

Reproduzimos hoje do ultimo numero do *Punch*, o famoso jornal de caricaturas inglez, a sua estampa allusiva á viagem dos reis de Portugal a Inglaterra.

Como se verificará, o *Punch* representa a Inglaterra sob o aspecto de um touro, e el-rei D. Carlos, como um toureiro victorioso, passando uma grinalda de flôres emtorno do pescoço do forte animal.

A estampa terá razão e assim será: o touro estará manso, cordemos no entanto que no ponto de vista *touro*, a Inglaterra nos tem custado algumas *colhidas*.



Simpllidade

A simplicidade dos homens não tem limites.

Um dos nossos grandes jornaes diarios publicava um d'estes dias o seguinte annuncio:

500\$000 réis

Offerece-se a quem obtiver um emprego vitalicio, que renda de 1\$500 a 2\$000 réis diarios. Guarda-se sygullo.

Nós não sabemos que tal vae este negocio dos empregos publicos, mas quer-nos parecer que não deve ir bem, desde que o actual governo está no poder.

Até aqui pagava-se (nós suppomos, por mera hypothese, que se pagava) empregos publicos, pelo facto de serem garantidos pela chancellia dos ministros.

Desde que essa chancellia deixou de ter um character definitivo, pagalos é ingenuidade.

É' possivel que haja quem os venda, mas custa a crer que haja quem os compre.

O MAL E O REMEDIO

Um leitor do *Dia* dirige a este jornal uma carta que, certamente por ter passado despercebida, não produziu nos meios scientificos e no publico em geral a sensação a que tinha direito.

A carta em questão diz, em resumo, o seguinte:

«Impressionado pelo que publicaram diversos jornaes scientificos extrangeiros, e pelo *Diario de Noticias*, em Lisboa, sobre a construcção das fossas *Moura*, onde todas as materias feccas e organicas em toda a posição (por tanto lethaes se estivessem em depositos descobertos) passam a um estado inofensivo, a ponto de ser potavel o liquido sem causar damno a quem o ingerio; deprehendi que semelhante liquido captado á sahida das fossas, devia conservar alguma das propriedades insecticidas e microbicidas das que tinha adquirido e sido agente da elaboraçáo dentro das fossas, e que essas propriedades deviam actuar e manifestarem-se fortemente se se applicasse o liquido a tecidos organicos affectados pela decomposição superficial (no animal vivo), ou pela supuração; e com menos actividade se o liquido se applicasse a um ferimento em sitio sadio. Ha pouco obtive uma garrafa do liquido de uma fossa e appliquei-o a uma ferida com aspecto de cancerosa, que ha muito tinha um animal de estimação, ferida que resistira e augmentára sempre em profundidade, apesar de tratada com fortes antisepticos; em poucos dias a ferida curou-se. O mesmo animal estava muito doente com supuração nos olhos, mandei-os lavar com o referido liquido e, repentinamente, ficou bom.»

Como se deprehe de esta exposição de factos, a descoberta a que se refere o seu autor teria por effeito utilizar as materias fiscaes na therapeutica, o que seria uma revolução não só na therapeutica, mas nos costumes.

Como se sabe, as referidas materias não são hoje consideradas sob nenhum ponto de vista, uteis, a não ser, já se vê, quando restituídas á terra, para a tornarem mais rica e mais fecunda.

Transformal-as, porém, ao ponto de as reduzirem a medicamento, eis o que é absolutamente previsto e novo.

No entanto, é assim.

O homem, segundo a doutrina da alludida carta, contem em si, ao mesmo tempo, o mal — e o remedio; e nos domicilios do futuro, poder-se-ha, n'esta ordem de idéas, ouvir dialogos do seguinte theor:

— Menina! onde vae?

— Mas... mamã!...

— Onde vae, já disse?!

A menina córando:

— Vou á botica.

Uma nova ordem

El-rei — dizem os jornaes — agraciou os creados de Windsor.

Não nos dizem, porém, esses jornaes qual foi a condecoração com que s. m. agraciou esses servos.

Vamos nós dizel-o.

Foi — a grã-cruz da Gorzeta.

O NOVO GOVERNO

(V)



Ministerio das Obras Publicas Commercio e Industria

A viagem regia

Primeiros efeitos: A reabilitação do gramofone — O tratado de Metween, o «Grande Elias» e o «Melro» de G. Junqueiro — A batalha de bolas de neve e sua interpretação na imprensa diaria — O que se passou, o que se disse e o que se deveria ter dito.

Um dos efeitos da viagem dos reis de Portugal a Inglaterra foi o de reabilitar o gramofone.

O gramofone estava desacreditado. Já apparecera nas feiras e nas lojas de bebidas. Os jornaes, mesmo, pediram que os prohibissem, como sarrasinas e antipaticos, quando chega este telegramma, que não sabemos se foi mandado pela Companhia dos Gramofones, se pelos correspondentes especiaes da imprensa portugueza:

Londres, 23— A tarde e parte da noite, no castello dos duques de Devonshire, passou-se ouvindo no gramofone algumas das mais celebradas arias do Melba e do Caruso.

Immediatamente, todas as vozes hostis ao gramofone se calaram. O gramofone appareceu representando um papel na alliança ingleza, como o sr. marquez de Soveral. Deixou desde logo de ser sarrasino e antipatico. Passou a ser protocolar.

D'ora avante, os tratados entre Portugal e a Inglaterra serão talvez registados no gramofone e nós, passando pela loja de bebidas da rua do Arsenal, ouviremos uma voz fanhosa dizer de dentro: «*Desejando confirmar em mais um facto solemne a amizade e a alliança desde longas eras felizmente existentes entre os governos de Inglaterra e Portugal...*»

A Companhia dos Gramofones, reconhecida, e ditará talvez em novos rolos, os tratados desde longa data celebrados entre Portugal e a Inglaterra. O tratado de Metween será talvez ouvido em *soirées*, entre o *Grande Elias*, e o *Melro*, de Guerra Junqueiro.

*
*
*

Outro pormenor da viagem regia foi a batalha de bolas de neve travada em Chatsworth.

Este episodio só é singular pelo facto de ser referido pelos correspondentes dos jornaes n'um tom protocolar, que lhe tira a graça toda.

Assim, por exemplo, um d'esses correspondentes escreve:

«Antes do *lunch*», el-rei, vendo o marquez de Soveral caminhar com receio sobre a neve, que tinha a espessura de trinta centímetros, e que se dirigia ao pavilhão onde se devia *lunchar*, atacou-o bruscamente com bolas de neve, defendendo-se o illustre di-

plomata com denodo. Em breve se estabeleceu uma verdadeira fusilaria que provocou o riso da assistencia e em que o senhor D. Carlos se houve com dextreza».

Segundo os formalismos d'esta narrativa, não se vê de nenhum modo dois homens, tomados d'essa necessidade de movimento e d'essa alegria doida que dá o frio intenso. Vê-se o rei atacando com bolas de neve o «illustre diplomata»; vê-se o «illustre diplomata» defendendo-se do «rei» com denodo, o que não tem pés nem cabeça, porque não foi o «rei» que atacou o «illustre diplomata» nem o «illustre diplomata», que se defendeu do «rei», mas tão somente, como já dissémos, dois homens que tinham frio e se accommerteram com bolas de neve, porque precisavam — aquecer.

Os reis nem sempre são reis, como os reis de cartas, que o são invariavelmente. Algumas vezes são homens, e quando são homens é preciso tratá-os como taes.

Brincar com neve não é uma prerogativa regia. É um acto de alegria, de mocidade, de bom humor, que nada tem que ver com a sua investidura, ou os seus direitos. Não é o mesmo que abrir as côrtes, pronunciar a fala do throno, ou dar beija-mão.

É outra coisa e coisa muito diferente.

Mas por isso mesmo que é coisa diferente, deve ser contado, quando se conte, por diferente modo. Um acto de bonhomia conta-se com bonhomia.

Tal como vem contado no telegramma que reproduzimos, elle é completamente desnaturado. Dir-se-hia que ao armar se de bolas de neve para as atirar ao sr. Soveral, o sr. D. Carlos exerceu um acto de soberania. Diz-se-hia que ao munir-se de outras para as atirar ao sr. D. Carlos, o sr. Soveral entrou em exercicio de funções diplomaticas — e então que vemos nós?

Vemos o chefe do Estado, fardado de generalissimo e com a banda das trez ordens, tal como elle é representado no retrato official da camara dos pares, largando o manto, largando a corôa, largando o sceptro, e desatando a correr, de botas de montar atraz do sr. marquez de Soveral, nosso ministro em Londres; e vemos o nosso ministro em Londres, tal como elle veio o outro dia representado no *Diario de Noticias* com a sua casaca bordada, constellado de condecorações, largando o chapêu armado e o espadim e deitando a correr atraz do rei — o que manifestamente não tem serço commun.

O facto, resumindo, é este: a lingua cerimoniosa da côrte só convém aos actos da côrte. Para os outros actos, está naturalmente indicada uma lingua — *sans façon*.

Paraphraseando o telegramma em questão, nós, por exemplo, diríamos:

«Antes do *lunch*», o sr. D. Carlos, vendo passar o sr. Soveral, bombardeou-o com bolas de neve. O sr. Soveral ainda hesitou entre os formalismos officiaes e a necessidade de aquecer, que entre todos se fazia sentir; mas inclinando-se para esta, abaixou-se, amassou algumas bolas de neve e caiu sobre o sr. D. Carlos com tal enthusiasmo que dentro em pouco sua magestade pedia misericordia dizendo: — O Soveral! Soveral! olha que sou o poder moderador!»

Não era desrespeitoso contar n'estes termos o episodio e era mais conforme com o realidade e a natureza dos factos.



GUITARRA DA PARODIA

MOTE

Fizemos uma escriptura
Para maior precaução;
Testemunhas os teus olhos
Fiador teu coração.

GLOSA

Mal te vi, alma celeste,
Amor fui logo jurando;
E tu, para mim olhando,
A mesma coisa fizeste:
Eu cri no que tu disseste,
Tu creste na minha jura;
Mas p'ra que a nossa ventura
Não tives e impedimentos,
Além de mil juramentos
Fizemos uma escriptura.

Eu não sei faltar á fé,
Faltar não sabes também;
Porém não sabe ninguém
O seu destino qual é!
A escriptura está de pé
Sem nenhuma precisão...
E creia o tabellião
Que a soube fazer tão ella,
Que apenas feita foi ella
Para maior precaução.

Esta escriptura sagrada,
Que p'ra mim vale uma palma,
No melhor cantinho d'alma
Tenho-a muito bem guardada:
Com ella, joven amada,
Da vida affronto os escolhos;
Não vejo no mundo abrolhos,
Creio nas leis da ternura,
Fois foram d'esta escriptura
Testemunhas os teus olhos.

Nas azas d'Amor, meu hem,
Ambos soubemos firmar a;
Por qualquer razão quebrar a
Não podes tu e eu também:
Da sorte o cruel vivem
Não nos deve assustar, não...
O que firmou nossa mão
Ha de ser cumprido ex-acto,
Porque foi d'este contrato
Fiador teu coração.

VENANCIO.



Theatro do Gymnasio

5 de dezembro, segunda-feira. Benefício do Sant'Anna, camaroteiro, no Gymnasio e collaborador actual do grande Valle, aquelle que n'este momento está resuscitando n'aquella scena o repertorio saudoso e alegre de Gervasio Lobato.



Theatro da Triadade

5 de dezembro—Festa artistica do actor Almeida Cruz—actor e cantor excellente, com um programma cheio de attractivos, entre os quaes não é o menor um assalto de espada entre Antonio e José Pinto Martins, filhos do illustre mestre d'armas e nosso querido amigo Antonio Martins.

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL

Gaston Piel

Das 9 da manhã às 5 da tarde
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

Companhia União Fabril

Rua 24 de Julho, 940
LISBOA

Recompensas obtidas em 1904 pelos seus productos

EXPOSIÇÃO DE S. LOUIS

O Grand prix em velas e sabões, Grupo 23

Uma medalha d'ouro em adubos, Grupo 20

Uma medalha d'ouro em oleos e bagaços cumestiveis, Grupo 34

Uma medalha de prata em oleos não cumestiveis, Grupo 05

EXPOSIÇÃO AGRICOLA DO PORTO

O 1.º PREMIO

Medalha d'ouro

Diploma d'honra em velas, sabões, oleos, etc.

Bagaços oleaginosos e Teinturas alimentares para engorda e sustento de gado.

Oleos de Palmite, coco, linhaça, pimenta, azeitão, etc.

Sabões e Velas para illuminação de todas as qualidades.

Adubos Chemicos e Massas de Porgueira para todas as culturas.

LIVRARIA EDITORA
DA Viuva Tavares Cardoso
5, Largo do Camões, 6—LISBOA

ULTIMAS PUBLICAÇÕES:

Os amigos das creanças, por GUILHERME JOSÉ ENNES, 1.ª parte: Parentes e professores. — 2.ª parte: A Escola. — 3.ª parte: Colonias de férias, 1 vol. 200 réis.

Aldeia em festa, Comedia-drama em 1 acto, em verso, por MARIO MONTEIRO, 1 vol. 200 réis.

Ao cair da folha, Soneto de ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO com uma traducção em francez, inglez, italiano e sueco, duas em allemão e duas em hespanhol. Preço 200 réis.

O Pater, por FRANÇOIS COPPÉE. Traducção de MARGARIDA DE SEQUEIRA. Preço 200 rs.

Maria Telles, Poema, por ANTONIO DE ALBUQUERQUE. Preço 300 réis.

Guerra à guerra, Conferencia de CESAR DO INSO, 1 vol. 400 réis.

A Adolescencia, por LEÃO TOLSTOI, traducção de JOAQUIM LEITÃO, 1 vol. 300 réis.

Caminho do Amor, Poesias, por JOÃO DE BARROS, 1 vol. 400 réis.

A guerra russo-japoneza, por EDUARDO NORONHA, 1 vol. profusamente illustrado. br. 800, enc. 17000 réis.

A fidalga do Juncal, Romance original de PEDRO VIDEIRA, 1 vol. b. 800, enc. 17000.

Phenicios e Carthaginezes, pelo dr. J. M. PEREIRA DE LIMA, 1 vol. finamente illustrado, impresso em papel «couché», 800 réis.

O jornalismo, Esboço historico da sua origem e desenvolvimento até os nossos dias, por ALBERTO BESSA. Com um artigo prefacio de Edmundo d'Amicis, 1 vol. illustrado, br. 700, enc. 900 réis.

A SAHIR DO PRELO:

A Severa, por JULIO DANTAS, 2.ª edição.

Caracteres humanos, por P. MANTEGAZZA.

O Escandalo, romance por ANTONIO DE ALBUQUERQUE.

Cidade Nova, romance por FERNANDO REIS.

Aurora, romance por AUGUSTO DE LACERDA.

Recordando, contos e impressões, por D. THOMAZ DE MELLO.

O meu Algarve, por JOÃO LUCIO.

Pastoral, por CORELHO NETTO. Edição illustrada.

Paisegens da China e do Japão, por WENCESLAU DE MORAES. Edição illustrada.

ORTHOPÉDIA

CANAL ESPECIAL DE FUNDAS
e aparelhos orthopedicos
DE MANUEL MARTINS
FORNECEDOR DOS HOSPITAIS CIVIS, CASAS DE SAUDE, DE BENEFICENCIA, ASSOCIAÇÕES DE SOCORROS MÚTUOS, ETC.
154, Rua de Magdalena, 154-A
(ANTIGA CALÇADA DO CALDES)
Proximo ao Largo de Santa Justa)—Lisboa

Peça a V. Ex.ª a finca de não comprar chapéus sem primeiro visitar este estabelecimento

SOUZA MARTINS

O livro IN MEMORIAM
Grande volume de cerca de 600 paginas
Collaboração de 55 distinctos escriptores
Adornado com o retrato de
SOUZA MARTINS
e a reprodução fac-simile de uma carta inédita do grande homem de sciencia

Ourivesaria e Relojoaria
com officina annexa de fabrico e reparação

FLORINDO
JOIAS COM brilhantes
PREÇOS Limitadissimos
99, RUA AUREA, 99

A' VENDA
Preço 2\$000 réis

O producto da venda é applicado á compra de papeis de credito e o juro annual destinado a um premio que se ha de denominar

SOUZA MARTINS
e que será dado ao alumno mais distincto da Escola Medica de Lisboa
O resto dos volumes podem ser pedidos a

Casimiro José de Lima
P. dos Restauradores, 38
LISBOA

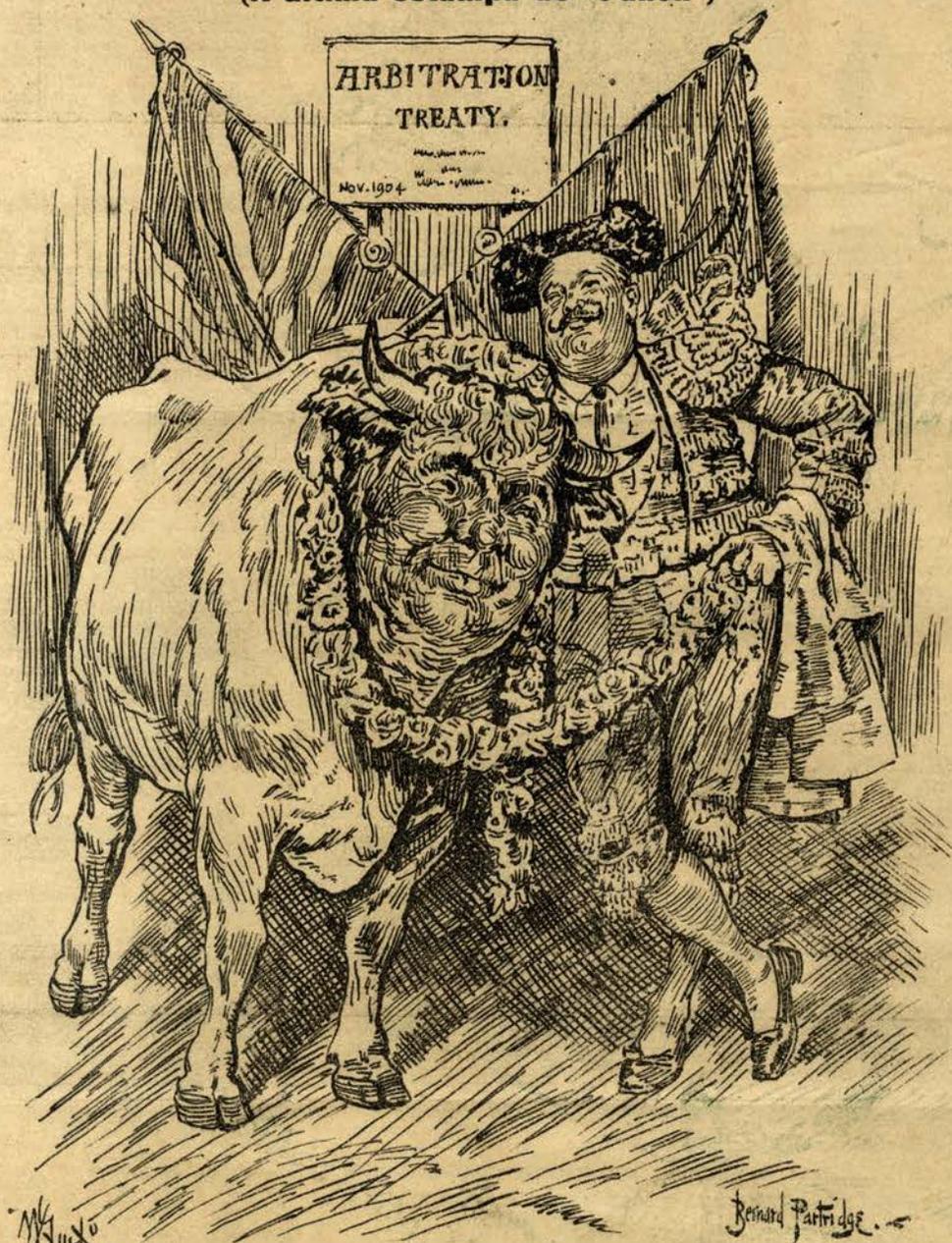
JOSÉ CLEMENTE

FATOS em Casa de 200000 a 360008
na Casa das thesouras
51—Rua da Escola Polytechnica—55

FATOS em Paletot de 400000 a 2200000
FATOS em Fraje de 120000 a 520000
FATOS em Sobrecasaca de 160000 e 300000

PORTUGAL NA INGLATERRA

(A ultima estampa do «Punch»)



Arbitration Treaty

(Tratado de arbitragem)

Tradução:

Carlos his friend

(O seu amigo Carlos)

«The King of Portugal enjoys the reputation of having achieved great success, some years ago, as an amateur Toreador.»

Tradução:

«O Rei de Portugal tem a reputação de haver alcançado um grande êxito, ha alguns annos atraz, como amador-toureiro.»